

REVISTA ADVENTISTA

JANEIRO 2015

Pescadores de homens

O chamado para o discipulado inclui todos

**GRANDES
CIDADES**
Deus precisa
de missionários
urbanos

**CAMPO
SEMEADO**
Distribuição
histórica chega a 50
milhões de livros

Exemplar Avulso: R\$ 2,00 - Assinatura: R\$ 24,00





Marcos De
Benedicto

TRÊS GRUPOS

PESSOAS ENTUSIASTICAS FAZEM
A DIFERENÇA NA IGREJA

À semelhança do que ocorre em toda empresa, os membros da igreja se dividem basicamente nas três categorias mencionadas por Werther Maynard Krause em um de seus livros: grupo hostil – aquele que ativa ou passivamente se opõe aos esforços do dirigente no sentido de atingir determinada meta; grupo vagaroso – que não tem motivação suficiente para cooperar na realização da meta comum; e grupo entusiástico – que apoia o interesse do dirigente em alcançar determinada meta.

Você já fez ou faz parte de algum grupo hostil? Se já fez parte e hoje integra o grupo entusiástico, louvado seja Deus! Mas se ainda é membro do grupo do contra, saia dele o quanto antes! As pessoas que se opõem sistematicamente às normas e aos planos da igreja correm o risco de terminar seus dias na sarjeta do fracasso espiritual.

Quando estudei no Newbold College, o professor Andrew Mustard me encarregou de escrever uma monografia sobre as reações do Dr. John H. Kellogg (1852-1943) aos conselhos de El-

len G. White (1827-1915). Durante a pesquisa, fiquei intrigado ao saber que, após vários anos de respeitosa e cordial relação com a Sra. White, Kellogg migrou subitamente da cordialidade para a oposição sistemática, passando, mais tarde, a rejeitar todos os escritos inspirados. Ele chegou a atribuir as visões da serva do Senhor a “alucinações ocorridas durante os espasmos epiléticos que [segundo ele] a acompanharam durante sua longa existência”. Nessa fase, ele se tornou refratário a conselhos, pois se julgava mais sábio do que os líderes da obra.

Em 1984, visitei o cemitério de Battle Creek, MI, EUA, e permaneci alguns minutos em frente à sepultura de Kellogg. Na ocasião, veio-me à mente uma das confissões registradas na autobiografia desse famoso médico: “Encontrei na Sra. White uma sábia conselheira e amiga à qual constantemente recorri em busca de conselho. [...] Tinha plena certeza de que o Senhor dirigiu sua mente e ainda mantenho esta convicção. Era uma mulher piedosa que buscou a orientação divina e a recebeu. Tive muitas evidências disso, provavelmente mais que qualquer outro homem jamais tenha tido” (Richard A. Schaefer, *Legacy*, p. 191, 192). Antes de sair do cemitério, onde também está sepultada a Sra. Ellen G. White, pensei: “Aqui jaz um homem que poderia ter escrito uma história diferente!” Kellogg morreu sem ter-se reconciliado com a igreja.

Esse grupo não é necessariamente hostil, mas dificulta o crescimento da igreja. Ellen G. White revela uma das causas do surgimento de grupos vagarosos ou inativos: “Muitos dos membros de nossas grandes igrejas praticamente nada realizam. Eles poderiam fazer um bom trabalho se, em vez de se aglomerarem, se dispersassem por lugares ainda não alcançados pela verdade” (Testemunhos Para a Igreja, v. 8, p. 244).

A motivação é a estratégia dos líderes que atuam em parceria com o Espírito Santo, a fim de anular a inércia. O exemplo de Calebe é clássico: “Eia! Subamos e possuamos a terra, porque, certamente, prevaleceremos contra ela” (Nm 13:30). Quando aliado a planos bem elaborados, o otimismo é contagiante.

As pessoas desse segmento fazem a diferença na igreja. Em 1970, tive a alegria de contar com um grupo entusiástico na igreja de Macapá, Amapá. O presidente da Missão Baixo-Amazonas informou que determinado evangelista. ┐

Luiz Waldvogel é editor da Revista Adventista

Muitos dos
membros
de nossas
grandes
igrejas nada
realizam

REVISTA ADVENTISTA

Nº 1260 Maio, 2013 Ano 108

www.revistaadventista.com.br

Publicação Mensal – ISSN 1981-1462

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil.
Dedicado à Proclamação da “Fé que uma vez foi entregue aos santos”.

“Aqui está a paciência dos santos: Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.”
Apoc. 14:12.

Editor

Rubens S. Lessa

Editores Associados

Paulo Roberto Pinheiro, Marcos De Benedicto, Sueli Oliveira, Francisco Lemos, Zinaldo Santos, Ivacy F. Oliveira, Michelton Borges, Diogo Cavalcanti, Neila D. Oliveira, Guilherme Silva, André Oliveira Santos, Vanderlei Dorneles, Alceu Nunes, Márcio Nestrini, Nerivan Silva, Wendel Lima, Adriana Teixeira, Vinícius Mendes, Eduardo Rueda e Alex Machado.

Colaboradores

Ted Wilson, Erton Köhler, Magdiel Pérez, Marlon Lopes, Edson Rosa, Domingos José de Souza, Geovani Souto Queiroz, Gilmar Zahn, Helder Roger Cavalcante Silva, Leonino Santiago, Marlinton Lopes, Maurício Lima e Moisés Moacir da Silva.

Designers Gráficos

Levi Gruber, Eféso Granieri e Marcos Santos

Imagens da Capa

© Ellen G. White Estate, Inc. e Adventist News Network



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia

Rodovia Estadual SP 127 – km 106
Caixa Postal 34; CEP 18270-970 – Tatuí, São Paulo
Fone (15) 3205-8800 – Fax (15) 3205-8900

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

LIGUE GRÁTIS: 0800 9790606

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.

Diretor-Geral

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe

Rubens S. Lessa

Gerente de Produção

Reisner Martins

Gerente de Vendas

João Vicente Pereyra

Chefe de Expedição

Eduardo G. da Luz

Chefe de Arte

Marcelo de Souza

As notícias para a revista do mês seguinte devem estar na Redação até o dia 10. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Exemplar Avulso: R\$ 3,31.

Assinatura: R\$ 39,70.

Números atrasados: Preço da última edição. A Editora só se responsabiliza pelas assinaturas angariadas por representantes do SELS – Serviço Educacional Lar e Saúde.



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

- 2 **Editorial**
Três grupos
- 3 **Canal aberto**
- 4 **Mensagem Pastoral**
A oração tem poder
- 6 **Entrevista**
Unidade Global
- 12 **Painel**
- 19 **Atualidade**
Conflito de gerações
- 20 **Sintonia**
Prato Vazio
- 25 **Teologia**
100 anos depois
- 31 **Missão**
Faça do seu jeito
- 35 **Notícias**
- 39 **Web7**
- 41 **Entenda**
Fé e obras
- 42 **Boa pergunta**
Grupo especial
- 44 **Em família**
Coração blindado
- 45 **Bem-estar**
Brinde à saúde
- 46 **Sinais**
- 48 **Estante**
- 49 **Perfil**
Darwin às avessas
- 50 **Ideias**
Brilhar no palco ou iluminar o mundo?



8 Lições da nossa história

O sesquicentenário da organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia é motivo de alegria e reflexão.



12 A Igreja e as metáforas de Cristo

Neste tempo de trevas e intemperança, somos convidados a ser o sal da terra e a luz do mundo.



16 Esperança para as grandes cidades

Num mundo pluralista como o nosso, somente cristãos singulares podem fazer a diferença.



35 Legalização do casamento

O processo de legitimação do casamento existiu nos tempos bíblicos.

UNIDADE GLOBAL

TEÓLOGO APONTA FATORES QUE PODEM MANTER A IGREJA UNIDA

ELBERT KUHN

Em 2012, Elbert regressou à Ásia, como líder da Igreja Adventista na Mongólia, país em que vivem 2 mil adventistas, distribuídos em 30 congregações. Sua missão é formar líderes que rompam com a cultura nômade do improviso e aprendam a planejar o futuro. Por isso, ele fez questão de trazer uma comitiva da Mongólia para o Brasil, em janeiro. Durante 20 dias, o grupo conheceu as principais instituições, igrejas e sedes administrativas daqui.

Há quanto tempo o adventismo chegou à Mongólia? Há 22 anos, assim que o comunismo ruiu e a Rússia abandonou o país da noite para o dia, deixando o povo num caos total. Foi nesse período, em que a Mongólia se abriu para toda e qualquer ajuda, que Deus tocou o coração de um jovem casal de voluntários norte-americanos que sonhava em migrar para um país que fosse fechado à pregação do evangelho. Inicialmente, eles pensaram em ir para a China, mas descobriram que ali já havia presença adventista. Então, atentaram para a Mongólia, logo acima no mapa. Enviados pelo ministério de apoio Adventist Frontier Mission (www.afmonline.org), Brad e Cathy Jolie atuaram ali por quatro anos. Fizeram um grande trabalho, porque iniciaram a tradução da Bíblia e de livros de Ellen G. White para a língua mongol. Infelizmente, Brad foi acometido de câncer e teve que voltar para os Estados Unidos.

Foi nesse momento que a Igreja Adventista enviou seu missionário oficial?

Sim. Depois que Brad faleceu, Dale Tunnel chegou ao país, em 1997. Dale foi quem estabeleceu a estrutura administrativa e as primeiras praças da missão local. Nos dez anos seguintes, o adventismo cresceu num ritmo muito lento. O primeiro grande projeto de evangelização, chamado de Thousand Missionary Movement (www.1000missionary.com), foi realizado so-

A quarta geração de adventistas da família Kuhn parece ter forte espírito missionário.

Elbert Kuhn é o presidente da Igreja Adventista na Mongólia e três irmãos dele servem à denominação. Martin é coordenador do curso de Comunicação Social do Unasp; Wagner lidera o curso de doutorado em missiologia da Andrews University (EUA); e Ronald é diretor associado do Instituto de Missões da sede mundial adventista.

mente em 2002. Esse programa de treinamento missionário, muito popular na Ásia, capacitou cerca de 30 jovens para trabalhar em duplas no plantio de igrejas pelo país. O interessante dessa história é que boa parte desses missionários recrutados era recém-conversa. Em 50 dias, eles foram treinados e receberam apenas Bíblias e alguns materiais evangelísticos. Esse foi o começo do adventismo ali: jovens com pouco tempo de conversão, treinados em curto prazo, mas com muita disposição para servir.

Atualmente, qual é o quadro do adventismo no país?

Em 2003, quando cheguei pela primeira vez à Mongólia, havia quatro igrejas e cerca de 300 membros. Hoje, são 30 congregações e aproximadamente 2 mil adventistas. A despeito das dificuldades, a Mongólia foi um dos países que apresentaram uma das melhores taxas de crescimento nos últimos anos. Lá, temos também a ADRA, agência respeitada pelo governo, e uma escola adventista, que minha esposa e eu fundamos em 2009, pouco antes de voltarmos para o Brasil. A unidade oferece o ensino médio e tem 70 alunos. Um dos desafios é a formação de professores. Por isso, a Cleidi tem trabalhado com eles no que se refere à filosofia da educação adventista. O plano é construir um internato com as ofertas levantadas na Escola Sabatina mundial e oferecer um abrigo espiritual para os estudantes que migram para a capital a fim de estudar. Queremos dar essa formação para não perdermos nossos jovens.

Como é o cenário religioso da Mongólia?

O país seguiu basicamente o mesmo processo do leste europeu. A primeira fase foi de abertura total para as influências externas, inclusive religiosas. O povo via na liberdade e no acesso à informação novos caminhos para o desenvolvimento. Porém, depois da estabilização política e econômica, a população está retornando aos valores



CONHEÇA

Elbert Kuhn
Natural de Rolante, RS
44 anos

Casado com Cleide Kuhn,
tem três filhos

Bacharel em Teologia pelo Unasp, 1995

Missão: Formar líderes na cultura nômade

que formaram a identidade nacional antes do regime comunista e se iludindo com o materialismo capitalista. O país de tradição nômade e pastoril, agora vive a expectativa de enriquecer com a exploração de grandes jazidas de minérios.

Qual é a tradição religiosa dos mongóis?

É budista. A história do país remonta aos tempos de Gêngis Khan, no século 13. O conquistador mongol era tolerante para com outras religiões, inclusive algumas de suas esposas eram cristãs. O que ele não aceitava era que conflitos religiosos dividissem o povo. Posteriormente, o budismo se tornou a fé predominante, até o início do regime comunista. Com a queda do regime, ganhou força um espírito de resgate da identidade nacional budista. Além disso, tem crescido o xamanismo – religião ocultista com base na invocação de espíritos – a ponto de alguns mongóis temerem as maldições dos xamãs, caso se convertam ao cristianismo. No país, os cristãos representam apenas 10% da população e a maioria deles é protestante.

Quais são as principais estratégias de evangelização?

No começo, a Igreja utilizou muito o evangelismo público. Depois, percebemos que era necessário agregar à pregação a prestação de serviços comunitários. Mas, hoje, a Mongólia já melhorou seu sistema de saúde e de assistência social. Por isso, wequenos grupos e incentivamos os membros para que se aproximem de amigos e familiares. Em breve devemos ter uma clínica odontológica e todos os templos construídos serão abertos para o serviço à comunidade, no intuito de que se tornem centros de influência.

Como o senhor tem adaptado seu estilo de liderança brasileiro ao contexto mongol?

No Brasil, temos uma denominação bem estruturada e com líderes visionários, sonhando com o futuro e se preparando para ele. Meu desafio na Mongólia é formar líderes que tenham essa visão de futuro. Isso não é fácil porque, na cultura nômade, o indivíduo vive para cada dia. A vinda desse grupo ao Brasil também teve esse propósito. Os mongóis são refratários a programas impostos, sem conversa e discussão. Um modelo de liderança assim gera obediência dos liderados, mas não o respeito deles. Por isso, tenho hoje uma liderança mais participativa, mas com cobrança de responsabilidade. Penso que meu papel seja ficar mais nos bastidores, como mentor, e permitir que os holofotes estejam sobre meus liderados.

Quando surgiu a ideia de ser missionário?

Esse não era meu sonho e muito menos da Cleidi. Estávamos muito bem no Brasil, trabalhando no distrito pastoral. Porém, certo dia, meu irmão mais velho, Ronald, disse que o secretário mundial da Igreja Adventista estava procurando um missionário brasileiro para enviar à Mongólia. Sem pensar direito no que estava fazendo, me candidatei à vaga. Eu não falava inglês e achava que jamais seria selecionado. Sete meses depois, o convite da sede mundial chegou para mim. Olhando para trás, vejo que tudo isso estava no plano de Deus. Ele queria tirar algumas coisas do meu coração que estavam no lugar errado. No campo missionário, com lágrimas e dor no coração, aprendi a ser pastor, a trabalhar sem

ter reconhecimento nem aprovação, e a servir a Deus independentemente das circunstâncias. Por isso, divido minha vida entre antes e depois da Mongólia. Em 2012, depois de passar dois anos no Brasil, eu não queria voltar para a Ásia. Achava que já havia dado minha contribuição. Mas, depois de jejuar e orar, Deus falou comigo. Aceitei o desafio com o pensamento de que não poderia ser como a mulher de Ló, que recusou o chamado de Deus por causa do conforto (Lc 17:32 e 33).

O brasileiro tem no exterior a imagem de pessoa feliz, sem preconceito e disposta. Mas precisamos vencer algumas barreiras administrativas e culturais. Somos um grupo representativo da igreja na região da Mongólia, e temos desenvolvido várias atividades locais.

Fale um pouco sobre a distribuição de livros missionários.

Em 2013, com a ajuda da Igreja Adventista sul-americana e da CPB, conseguimos imprimir 10 mil livros missionários A Grande Esperança em mongol. A resposta da igreja e da população foi muito positiva. Os membros comemoraram o fato de, finalmente, terem um material evangelístico na língua deles. Neste ano, com o auxílio dos mesmos parceiros, a ideia é entregar mais 10 mil livros. Estamos otimistas porque acreditamos que o livro do pastor Alejandro Bullón, A Única Esperança, será bem recebido por um povo que tem forte tradição oral, baseada em histórias.

Vocês planejam ter uma editora própria?

Estamos no processo de começar uma pequena editora. Temos um editor e 20 colportores. Já traduzimos para o mongol a Lição da Escola Sabatina dos adultos e das crianças, 15 livros de Ellen G. White, além de títulos sobre saúde e família. Queremos comprar uma máquina usada, para começar. Mas não podemos errar nisso, porque temos poucos recursos.

Como viver num dos países mais gelados do mundo?

Vivo na capital mais gelada do mundo: Ulan Bator. Lá, de novembro a abril, a temperatura pode variar de -20 a -50 oC. Nessas condições, fica difícil e perigoso viajar pelo país. As estradas são precárias e apenas o aeroporto. Da capital tem pista asfaltada. A Mongólia também tem na fronteira com a China o deserto de Gobi, o segundo maior do planeta. O país tem solo rochoso e menos de 2% de seu território é cultivável. A cultura é milenar, o povo é hospitaleiro e praticamente não temos problemas com crimes e drogas ilícitas. Em contrapartida, os mongóis consomem muito fumo e álcool. Esses vícios somados ao tipo de alimentação que eles têm – com base em consumo de carne e gordura animal e na quase ausência de vegetais – resultam em graves problemas de saúde pública. Um chá típico deles, por exemplo, é feito de leite, ervas, sal e gordura. Por isso, muitas crianças e jovens apresentam doenças renais sérias. Nesse contexto, a mensagem adventista de saúde tem muito a oferecer.

E a alimentação de vocês?

Foi outro desafio. A cada quatro meses, quando chegavam contêineres dos Estados Unidos com produtos diferentes,

Igrejas relevantes

O SEGREDO DAS
CONGREGAÇÕES QUE SE
TORNARAM REFERÊNCIA
NA COMUNIDADE

Wendel Lima

O conceito de gerações engloba “o conjunto de pessoas nascidas na mesma época dentro de um espaço de tempo (aproximadamente 25 anos) que vai de uma geração a outra”.¹ Cada geração tende a viver conforme os conceitos preestabelecidos pelo mundo que a cerca. Fatores econômicos, sociais, religiosos e culturais, somados aos paradigmas da família, influenciam o comportamento, o estabelecimento de valores e a formação de seus pontos de vista com relação à vida.

Embora sociologicamente as gerações não possuam um limite fixado pela idade e não exista base cronológica que permita datá-las com exatidão, cientistas sociais viram a necessidade de nomeação das gerações a fim de entendê-las melhor. Em linhas gerais, essa nomeação compreende quatro principais gerações, como mostra o exemplo a seguir, proposto por Rita Loiola (2009).²

É a geração que enfrentou uma grande guerra e passou pela Grande Depressão. Com os países arrasados, precisaram reconstruir o mundo e sobreviver. São práticos, dedicados, gostam de hierarquias rígidas, ficam bastante tempo na mesma empresa [organização] e sacrificam-se para alcançar seus objetivos.

São os filhos do pós-guerra, que romperam padrões e lutaram pela paz. Não conheceram o mundo destruído e puderam pensar em valores pessoais e na

boa educação dos filhos. Têm relações de amor e ódio com os superiores, são concentrados e preferem agir em consenso com os outros.

Nesse período, as condições materiais do planeta permitiram que os integrantes dessa geração pensassem em qualidade de vida, liberdade no trabalho e nas relações. Com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação, tentaram equilibrar vida pessoal e trabalho. Mas, como enfrentaram crises violentas – como a do desemprego na década de 80 –, também se tornaram céticos e superprotetores.

Com o mundo relativamente estável, os filhos dessa geração cresceram em uma década de valorização intensa da infância, com internet, computador e educação mais sofisticada que as gerações anteriores. Ganham autoestima e agora não se sujeitam a atividades que não tenham sentido a longo prazo. Sabem trabalhar em rede e lidam com as autoridades como se elas fossem um colega de turma.

Alguns estudiosos do assunto acrescentam outra categoria chamada de Geração Z, composta pelos nascidos a partir de 2000. Essa é uma geração ainda em formação. Como seus representantes ainda não têm papel ativo na sociedade, suas características ainda não estão totalmente expressas. Apesar disso, é possível arriscar peculiaridades como: conexão total com a internet, dispositivos portáteis e grande preocupação com o ambiente.

Biblicamente, a duração de uma geração é mutável. O teólogo Alberto Fonseca³ lembra que, de acordo com Jó 42:16, uma geração era um período de aproximadamente 30 a 40 anos e, em Gênesis 15:16, cerca de 100 anos. O salmo 24:6 afirma que geração era um povo, e Mateus 1 mostra que se tratava de um período de vida humana, independentemente da duração.

A pedagógica divisão proposta pelos sociólogos e especialistas da atualidade são referências para tentar compreender os valores humanos contemporâneos. Eles afirmam que, em uma família, várias gerações estão presentes: avós, pais, filhos e netos. Isso significa distintas visões de mundo e presença de variados pensamentos, conceitos e valores. E como cada geração tem sua maneira de agir, sentir, pensar e decidir, diversos conflitos acabam aparecendo.

INFLUÊNCIA POSITIVA

Considerando 25 anos como a diferença média de idade entre pai e filho, e usando esse tipo de relação como exemplo de nítidas diferenças de características no comportamento das pessoas nascidas em épocas diferentes, pode-se imaginar a seguinte situação: Um pai da geração X chega em casa e encontra o filho da geração Y no quarto ouvindo música no iPod, com a TV ligada, dois ou três cadernos e livros jogados sobre a mesa, computador ligado

O embate de gerações existe não somente na família e no ambiente de trabalho, mas também em toda relação de convivência de pessoas com intervalos diferentes de idade geracional, e isso inclui a igreja, pois ela também é um grupo social composto por pessoas de diferentes segmentos etários. Ela é palco de encontros de famílias e de interações, onde crianças, adolescentes e jovens participam de atividades litúrgicas e diversos outros eventos com seus pais e demais adultos das mais variadas idades.

Nesse contexto, uma vez que a igreja pode ser classificada como multigeracional, é necessário muito esforço para atender as necessidades de todas as gerações que a compõem. Essa realidade leva a sérias questões: (1) Como atender as necessidades e expectativas de gerações tão diversas? (2) Como promover um clima harmonioso entre elas dentro da igreja? (3) Quais são os principais pontos que devem ser explorados para diminuir as chances de conflitos? (4) Como a comunidade eclesial pode desfrutar melhor do imenso potencial dos jovens sem desvalorizar a experiência dos mais vividos? (5) O que tem contribuído mais para afastar os jovens das gerações anteriores? (6) Como “agradar” os mais idosos que cobram o retorno dos “marcos antigos” e, ao mesmo tempo, como agradar os mais jovens que pedem o avanço das “novas conquistas”?

Para uma reflexão mais acurada sobre a existência de conflitos de gerações na igreja e a busca de soluções dentro de uma perspectiva cristã, as pedagógicas divisões geracionais propostas por especialistas do comportamento humano serão subdivididas em dois grupos: os mais jovens e os mais idosos. Essa classificação tem a proximidade cronológica de faixas etárias como principal fator de ligação. Assim, o primeiro grupo é formado da geração X para trás. E o segundo grupo, a partir da geração Y. Feita essa divisão, também fica mais fácil garimpar referências bíblicas que mostram, explícita ou implicitamente,

e conectado na internet, com o Google, Facebook, Twitter e mais algumas janelas virtuais abertas, e também com o Word e o PowerPoint acionados, além de estar com o celular na mão enviando SMS para um colega. Então, o pai pergunta: “O que você está fazendo?” O filho prontamente responde: “Estou estudando.” O estarrecimento do pai se deve ao fato de que, de acordo com as peculiaridades das duas gerações exemplificadas, enquanto o pai se sente mais produtivo sequenciando suas atividades, o filho prefere a realização de multitarefas.

Nos últimos anos, o choque de gerações, que era mais visível apenas no contexto familiar, “passou a ser o grande quebra-cabeças dos especialistas em recursos humanos”,⁴ especialmente por causa da inserção de um grande número de jovens, de faixa etária entre vinte e trinta anos, em postos hierarquicamente elevados nas mais diferentes organizações.

Como “agradar” os mais idosos que cobram o retorno dos “marcos antigos” e como agradar os mais jovens que pedem o avanço das “novas conquistas”?

a tendente conduta comportamental tanto dos mais idosos quanto dos mais jovens de todas as épocas.

A Bíblia apresenta os mais idosos como símbolo da pessoa repleta de sabedoria e do temor de Deus. Ela também revela que, em momentos decisivos, o conselho de anciãos se reunia para que o melhor caminho fosse procurado e indicado. Há amplo consenso no pensamento de que, quanto mais se vive, mais se acumula experiência. Velhice não é finalização das atividades, tampouco doença, mas uma fase de riqueza em sabedoria armazenada num arquivo vivo que, se for sensatamente “pesquisado”, mostrará como tomar decisões prudentes e como aprender sem dor desnecessária. Os mais idosos têm perdas no aspecto físico, mas, em contrapartida, ganham muito em espiritualidade e sensatez.

Entretanto, como alerta a escritora Melo, “a soma dos anos por si só não jubila ninguém, mas o bom uso dos seus dias colocados a serviço do próximo é que dá sentido, amadurece e plenifica uma existência”.⁵ É preciso saber aceitar, mesmo a contragosto, as mudanças que não sepultam princípios. Aceitar algo novo não significa necessariamente aprová-lo ou reprovar o antigo. Aceitar o novo significa aprender a viver com as mudanças inevitáveis na vida pessoal, no lar, na educação, no trabalho, na igreja e na sociedade em geral. Muitos conflitos de gerações surgem devido à falta dessa capacidade. Portanto, diante de algumas mudanças, esse tipo de conduta é uma das maneiras de viver a linda oração coletiva feita por Davi (Sl 90:12), na qual, após reconhecer a eficácia do incomparável refúgio encontrado em Deus (v. 1) – Sua eternidade e Seu insuperável poder (v. 2, 3) con-

trastados com a mortalidade e finitude humana (9, 10) – ele elucida: “Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio.”

Talvez outro ponto a ser melhorado em algumas pessoas mais vividas seja a prática da arte de conversar, ou seja, falar com o próximo e ouvi-lo. Não pode haver interação e harmoniosa amizade entre pessoas que não sabem conversar umas com as outras. É preciso perseguir o interminável aprimoramento da prática da comunicação verbal, pois esse é o tipo mais usado nas relações interpessoais. Isso é funda-

mental, por exemplo, ao lidar com pessoas da geração Y, pois elas “não veem as relações em termos hierárquicos. O que eles querem dos mais vividos é oportunidade de aprendizado, responsabilidades e chances de melhorar o que fazem. O respeito em relação aos superiores ou iguais existe, mas é uma via de duas mãos. Eles só respeitam aqueles que os respeitam, e veem todos em uma situação de igualdade”.⁶ Assim, os jovens da geração Y tendem a não apreciar os mais idosos que “usam a ‘ciência do retrovisor’, olhando para os próprios modelos de juventude a fim de determinar valores para as novas gerações”⁷, pois buscam conquistar identi-

dades geracionais e querem apenas referências fundamentadas em ações coerentes e não simplesmente em julgamentos e regras. Eles estão carentes de orientação e de afeto real, que só podem ser alcançados por meio do diálogo verdadeiro, da negociação de expectativas de ambas as partes. A omissão nessa situação facilitará a realização das “profecias apocalípticas” que exaltam o “lado negro” da geração Y.⁸ É preciso lembrar que os jovens da geração Y foram criados essencialmente por pais da geração X, que não quiseram educá-los nos modelos ultradisci-

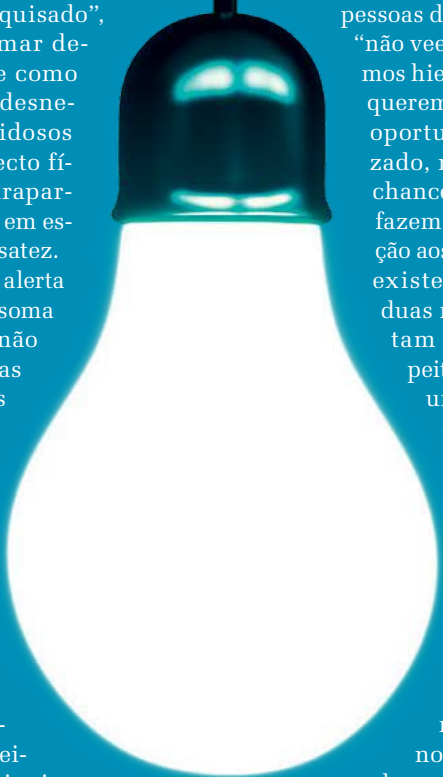
plinados com base

em rígidos controles e normas que receberam da geração *baby-boomer*. Ao contrário disso, as pessoas da geração Y cresceram em um período de valorização intensa da infância, com internet, computador e educação mais sofisticada que as gerações anteriores e ganharam autoestima. Essa geração é muito influenciada pela música e ícones, ou melhor, personalidades que ditam conceitos e ideais de vida para ela. Assim, é gritante a necessidade que ela tem de referências que contribuam para seu crescimento em todas as dimensões, especialmente a espiritual. E os mais idosos são os candidatos mais idôneos para ocupar esse posto. Para tanto, os que têm mais quilometragem existencial precisam trabalhar duro para desenvolver e promover boas relações com aqueles de outra geração. Isso significa ouvi-los pacientemente e, quando necessário, explicar-lhes com gentileza e tato um ponto de vista diferente.

Na condição de representante da ala da igreja composta pelos mais idosos, Ellen G. White disse: “Em nossa obra em prol dos jovens, devemos chegar até eles, se os queremos auxiliar. Quando jovens discípulos são vencidos pela tentação, não tratem os mais experientes com aspereza, nem olhem com indiferença seus esforços. Lembrem-se de que vocês têm manifestado muitas vezes pouca força para resistir ao poder do tentador. Sejam tão pacientes com esses cordeiros do rebanho, como gostariam que os outros fossem para com vocês.”⁹

Também é preciso não esquecer que há muitas coisas consideradas importantes, mas não fundamentais. Logo, muitos conflitos podem ser evitados com bom senso e tolerância, à medida que se identifica o que é essencial e o que é secundário; ou o que é inegociável e o que é tolerável. Quantas vezes ocorrem brigas por algo que, após pouco tempo, não tem valor nenhum para ninguém? Essa conduta faz parte do preparo para um envelhecimento que não os torne amargos, alienados e fixados em só falar do passado.

Ter discernimento e sabedoria para desfrutar as conquistas modernas, sem menosprezar a Bíblia como a mais eficaz bússola para um viver sensato, e ter abalizada autocrítica para filtrar as-



pectos positivos e negativos dos ganhos no mundo atual, é uma das consequências da incessante busca pela vivência do Salmo 71:18: “Não me desampares, pois, ó Deus, até à minha velhice e às câs; até que eu tenha declarado à presente geração a Tua força e às vindouras o Teu poder.”

IMPACTO NA COMUNIDADE

Um olhar retrospectivo na História mostra que boa parte das grandes realizações humanas teve pessoas jovens como protagonistas. Atualmente, não é diferente. A juventude é possuidora de grande potencial; sua personalidade é formada em uma época de avanços tecnológicos constantes. Para eles, a tecnologia e a interação digital são tão comuns quanto escovar os dentes. Conseguem se dedicar a muitas atividades simultâneas, gostam de desafios, são rápidos, criativos e usam recursos tecnológicos para criar soluções.

Mas não basta ter potencial e grande aspiração, também é preciso descobrir o caminho que conduz ao êxito. E todo êxito genuíno e duradouro tem Deus como esteio. Assim como o jovem não compreende a ideia de uma vida longe da comunicação instantânea, deve também ser para ele inconcebível uma vida sem a contínua dependência do Senhor.

A Bíblia faz muitas referências aos mais jovens. Uma delas diz que eles são fortes quando a Palavra de Deus é mantida no coração deles, e assim podem vencer continuamente o maligno (1Jo 2:14). Eles também são exortados a ser criteriosos em todas as coisas (Tt 2:6). São incentivados a se lembrar do Criador durante a fase da “eterna juventude”, para depois não ter seu sentido e contentamento de viver “deletados” pelas vicissitudes da vida, que geralmente se agigantam na fase adulta (Ec 12:1). Somente observando a Palavra de Deus podem ter seu caminho purificado (Sl 119:9). E quando guardam os preceitos de Deus, podem ser mais prudentes que os idosos (Sl 119:100).

Mesmo sendo possuidor da constante dificuldade que todo mortal tem de conceder a primazia da vida para o Senhor Jesus Cristo, o jovem cristão geralmente reconhece ser imprescindível o senhorio de Cristo para uma existência humana com sentido e verdadeira realização. Mas quando o foco é a es-



fera humana, no que tange à relevância do respeito e à convivência harmoniosa com os mais idosos, geralmente os mais jovens sentem muita dificuldade, pois, em relação a eles, possuem ideias, gostos e estilos antagônicos. Por isso, muitas vezes podem considerar as pessoas mais idosas retrógradas e descartadas. Mas, pelas lentes da Bíblia, o mais idoso pode ser um portador de valores e de experiências e sua riqueza vivencial pode representar relevante contribuição para as outras gerações. Contundentemente, Pedro exorta os jovens¹⁰ a respeitar os mais idosos quando declara: “Rogo igualmente aos jovens: Sede submissos aos que são mais velhos; outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, ao humildes concede a Sua graça” (1Pe 5:5). Mueller¹¹ explica que o termo *ser submisso* é uma característica do comportamento cristão, a qual consiste na decisão de se postar debaixo da liderança de outros, por amor à ordem e para a prática do bem. Mas, para tanto, é indispensável o revestimento da humildade. O texto usa a expressão “cingir” como uma figura para a leal disposição com relação a alguma coisa. Nesse caso, a firme disposição pela humildade. Essa aplicação é relevante para o realce da contraposição e a constante inimizade entre a humildade e a repulsiva soberba feita na segunda parte do verso.

Essa voluntária submissão evoca

três aspectos:

- 1) Equivale a respeitar os mais idosos em respeito a Deus;
- 2) promove relações interpessoais não conflitantes;
- 3) reconhece

a vantajosa experiência de vida que os mais idosos detêm. Provérbios 15:22 diz: “Onde não há conselho, fracassam os projetos.”

Na escalada da montanha da existência humana, os que apenas passaram do sopé precisam da experiência dos que já estão mais próximos do cimo, para completar o percurso a contento. Nesse contexto, a Bíblia registra a imprudência do jovem monarca Roboão, quando sucedeu seu pai Salomão. Como novo detentor do cetro do reino israelita, “tomou o rei Roboão conselho com os homens idosos, que estiveram na presença de Salomão, seu pai, quando este ainda vivia, dizendo: ‘Como aconselhaiis que se responda a este povo?’ Eles lhe disseram: ‘Se te fizeres benigno para com este povo, e lhes agradares, e lhes falares boas palavras, eles se farão teus servos para sempre’” (2Cr 10:6-7). Com base em 1 Reis 12:9, Ellen G. White explica que, não satisfeito, Roboão se voltou para os jovens que com ele tinham se associado durante sua juventude e maturidade, e inquiriu deles: “Que

Muitos dos membros de nossas grandes igrejas nada realizam

O PERFIL DO ADVENTISTA BRASILEIRO

Atualmente, o debate religioso se faz presente de maneira intensa nos meios acadêmicos e eclesiais. Ainda hoje no meio da igreja a doutrina da salvação é objeto de discussão em todos os seus aspectos. Afinal, como entender a relação entre fé e obras?

Apóstolo Tiago

"De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras?" (Tg 2:14). "A fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta" (v. 17). Para muitos cristãos, entender a relação da fé com as obras tem sido algo cruciante.

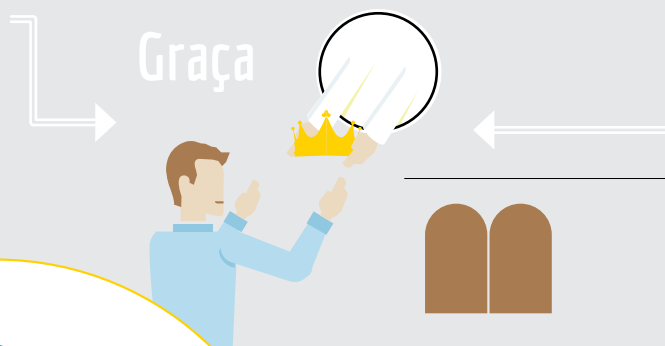


Apóstolo Paulo

diz que a salvação é inteiramente pela **graça** e que isso não vem do homem, mas de Deus. E nem de obras praticadas pelo homem para que este não se glorie. Entretanto, para um grupo de membros da igreja, salvação sem que o homem faça alguma coisa é algo inconcebível.



Tiago defende a tese de que a salvação é plenamente pela graça, ele diz que fomos criados em Cristo para a prática das boas obras (v. 10). A salvação é uma iniciativa divina independente do homem, é consequência de um processo cuja iniciativa é de Deus (ver Ef 2:4-9; Rm 3:21, 24-28; 5:8-11).

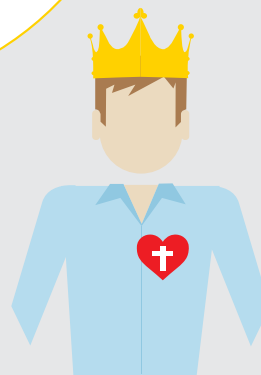


Cristo

"Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos Céus" (Mt 5:16). No pensamento de Cristo, a glorificação deve ser dada ao autor dessas obras que é o Pai celestial. É a operação divina na vida humana que possibilita essa realidade espiritual. "O privilégio e o dever de testemunhar mediante boas obras se torna possível devido à mudança que Cristo efetua nos propósitos, afeições e vontade" (Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, v. 6, p. 1117).



O mundo precisa ver Cristo na vida dos cristãos. Nosso cristianismo deve ser prático. Cristo enfatizou esse aspecto ao falar de Seu advento e juízo em Mateus 25:31-46. Na verdade, as obras mencionadas por Ele aparecem como resultado e não como causa da salvação.



Ellen G. White

"Conquanto tenhamos de estar em harmonia com a lei de Deus, não somos salvos pelas obras da lei; contudo, não podemos ser salvos sem a obediência. A lei é a norma pela qual o caráter é avaliado. Mas não podemos, absolutamente, guardar os mandamentos de Deus sem a graça regeneradora de Cristo. Só Jesus pode purificar-nos de todo pecado. Ele não nos salva pela lei, nem nos salvará na desobediência à lei" (Fé e Obras, p. 95, 96).

Portanto, "o perdão do pecado é prometido àquele que se arrepende e crê; a coroa da vida será a recompensa daquele que for fiel até o fim. A fé e as obras andam de mãos dadas; elas atuam harmoniosamente na obra de vencer" (Ellen G. White, Fé e Obras, p. 48). Contudo, sem o poder de Deus, você não chega a lugar nenhum.

Este Menu é para você que busca por Saúde

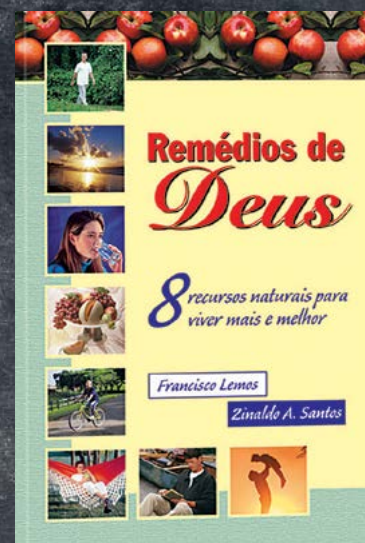
Pricila Cajá / Imagem: Fotolia



Em *A Vantagem Vegetariana*, você aprenderá como satisfazer suas necessidades nutricionais e evitar os erros que muitos vegetarianos iniciantes cometem. O livro contém diretrizes para planejar a alimentação, e sugestões sobre como adotar uma boa dieta vegetariana.



Neste livro, a Dra. Gilce Tolloto ressalta que o corpo feminino tem seu mecanismo de autoequilíbrio. Mas a mulher também pode fazer muita coisa para atravessar com serenidade essa fase difícil. Leia e descubra!



Ar puro, luz solar, abstinência, repouso, exercício, regime conveniente, uso de água e confiança no poder divino – eis os verdadeiros remédios.

Adquira
hoje mesmo

0800-552616 | www.cpb.com.br | CPB livraria



BRILHAR NO PALCO OU ILUMINAR O MUNDO?

CRISTO NÃO CONVIDA O CRENTE
A BRILHAR COMO CELEBRIDADE
DE ALMANAQUE



Guilherme Silva

*Quando a verdadeira
Luz ilumina os seres
humanos,
eles são exortados
a se levantar e
resplandecer*

No Sermão do Monte, Cristo nos incentiva a ser uma luz brilhante “diante dos homens”, de modo que nossas boas obras sejam vistas e Deus seja glorificado (ver Mt 5:16). Ele, porém, nos adverte quanto ao perigo de perder a recompensa cristã quando exercemos nossa justiça “diante dos homens”, desejando ser vistos por isso (ver Mt 6:1). Essencialmente, qual é a diferença entre uma coisa e outra? Essa questão coloca em jogo nosso destino eterno. Por isso, merece atenção e a tentativa de compreendê-la.

Quando Cristo nos alerta a não exercer nossa justiça diante dos homens, Ele cita três exemplos comuns praticados pelos religiosos de Seu tempo: dar esmolas e fazer publicidade desse ato, orar publicamente com a intenção de ser visto por todos e demonstrar socialmente a rigorosa prática do jejum. Em síntese, Jesus afirma que pessoas com todas as certificações e condecorações religiosas podem estar longe do reino de Deus. Há muitos outros exemplos atuais em que a religião se transforma em mero espetáculo, e o religioso busca os aplausos para a encenação da própria virtude. Quando isso acontece, a espiritualidade não ultrapassa os limites do palco, e a vida cristã não vai além de uma farsa.

Isso poderia nos levar à conclusão de que o verdadeiro cristianismo deveria ser vivido em um tipo de penumbra monástica, bem longe de holofotes e plateias. Porém, a Palavra de Deus nos mostra que o problema não está essencialmente em agir diante dos homens, mas reside na intencionalidade da ação. Nossos atos levam glória a Deus ou são planejados para a conquista de troféus religiosos?

De acordo com Cristo, a religião hipócrita faz brilhar o que deveria estar apagado – nossa tendência natural por reconhecimento e distinção. Por outro lado, o Mestre nos motiva a não apagar o que Ele escolheu para iluminar o mundo – a luz divina refletida em nossa vida. “Quando a verdadeira

Luz ilumina os seres humanos, eles são exortados a se levantar e resplandecer (Is 60:1-3)” (*Comentário Bíblico Adventista*, v. 5, p. 342).

No modelo religioso da autocongratulação, o cristão não é desafiado a sair de sua zona de conforto. Basta apenas “rezar a cartilha das convenções” e receber o reconhecimento público, sua recompensa terrena, a única que lhe restará. Porém, o chamado para ser a luz do mundo é o desafio de superar a mediocridade, erguer-se acima das barreiras da covardia, do preconceito, da arrogância, do exclusivismo, permitindo que a luz celestial seja refletida e se espalhe em meio ao que antes era escuro e sombrio.

Dessa maneira, a luz deve estar não apenas diante dos homens, mas também num local elevado, como a cidade sobre o monte (Mt 5:14) ou a lamparina colocada no alto (Mt 5:15). Nessa posição, a luz se espalha de modo mais eficiente, avançando pelo terreno das trevas. Nesse processo, os que são iluminados se alegram e dão glória a Deus, mas os que amam as trevas se voltam contra a luz, desejando apagá-la.

Nesse processo, os que são iluminados se alegram e dão glória a Deus, mas os que amam as trevas se voltam contra a luz, desejando apagá-la. Nesse processo, os que são iluminados se alegram e dão glória a Deus.

A vida cristã como luz diante dos homens é cheia de alegrias, porém repleta de desafios, pois confronta as forças malignas que desejam aprisionar as pessoas na escuridão de seus antigos costumes e tradições. No mesmo sermão, Jesus alertou Seus seguidores: “Bem-aventurados sois quando, por Minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande vosso galardão nos Céus” (Mt 5:11, 12). ▮

GUILHERME SILVA é editor associado de livros na Casa Publicadora Brasileira